

O IMAGINÁRIO POPULAR E O PORÃO DE BATALHA (1)

Antonia Pereira Cavalcante (2)

Francisca Maria Pereira Lima Veríssimo (3)

Francisca Frutuoso de Oliveira (4)

Carrapateiras, distrito rico em recursos naturais e propício para o plantio de mamona (daí a origem de seu nome), antes era conhecido como Riacho dos Caldeirões. As primeiras residências foram construídas na localidade Batalha, onde também existe uma barragem construída provavelmente pelos índios, na primeira metade do século XIX. Essa barragem é chamada de “Porão”. O nome dado deve-se a um buraco profundo existente naquele riacho, feito pela força das águas que levava areia e pedras pequenas, aumentando a sua profundidade.

Segundo depoimento de Jorge de Moura, a construção da barragem provavelmente se deu com a utilização de pedras calcárias, que eram encontradas na superfície da terra, transformadas em cal e queimadas em tumbas próprias para esse processo, sendo depois resfriadas com água e desmanchadas. Com esse processo voltavam a ser petrificadas.

O porão é hoje um local turístico e cheio de lendas, pois muitos habitantes do distrito de Carrapateiras, ao qual está integrado, contam muitas estórias. Vários pescadores e lavadeiras destacaram que lá sempre aparece uma mulher muito bonita de cabelos longos e loiros e de olhos azuis, sendo metade peixe e metade mulher (lara ou mãe d’água). Esta aparece sempre em cima de umas pedras e quando alguém se aproxima ela desaparece por entre as águas. Todavia, até hoje não se sabe concretamente de nenhum contato humano com esse ser tão mitológico. Em meio à sua abstração, a mãe d’água é algo bastante próximo e concreto para muitas pessoas.

Na parede da barragem há um local onde, segundo pessoas mais velhas foi arrancada uma botija. Não se sabe ao certo o que realmente aconteceu, porém é possível se ver um buraco na rocha, de onde possivelmente foi tirado esse tesouro. Antigos moradores dizem que quem arrancou a botija foi um senhor chamado Marrocos.

Segundo populares, Marrocos era um homem pobre e cheio de filhos, porém ao encontrar a botija organizou todas as suas coisas e foi embora para São Paulo; mas antes de viajar declarou para sua esposa que havia encontrado ouro. A mulher contou o episódio para sua melhor amiga e dessa forma a comunidade ficou conhecendo-o. Conforme uma das versões, dentre outras, fazem 61 anos desse ocorrido e a família contemplada nunca mais retornou ao Ceará.

O Porão está inserido em um riquíssimo conjunto de superstições e crenças que envolvem a cultura popular. Primeiro, vem o sonho. Sonha-se com o tesouro, que muitas vezes é indicado por almas penadas, seres de outro mundo, condenados a sofrer nas chamas enquanto o ouro escondido em vida não for encontrado.

Nesse contexto de tradições e crenças, o Porão da localidade de Batalha/Carrapateiras emerge como um ponto turístico a ser oportunizado em concomitância com a preservação do imaginário popular.

COLABORAÇÃO:

Joaquim Jorge de Moura – Articulador Institucional e Coordenador do Selo Verde no âmbito da Prefeitura Municipal de Tauá.

Abílio de Araújo Chaves – 83 anos;

Antonio Abílio de Araújo – 24 anos;

Cícero Xavier Santana – 72 anos;

Mozarina Araújo Citó – 65 anos.

NOTAS:

(1) Artigo publicado na “Revista Novas Histórias”, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Tauá, CE, n. 1, p. 8-9, 2006.

(2) Licenciada em História pela UVA.

(3) Idem.

(4) Idem.